

## “OS *BEST-SELLERS* DO BRASIL”: A PSICOGRAFIA E A EDIÇÃO DE LIVROS ESPÍRITAS, ENTRE AS DÉCADAS DE 1940 E 1960

Ana Lorym Soares<sup>1</sup>

**RESUMO:** O propósito deste texto é analisar a produção, a difusão e os desdobramentos que uma coleção, de livros supostamente psicografados, denominada *A vida no mundo espiritual*, teve no cenário editorial espírita brasileiro entre as décadas de 1940 e 1960. A coleção foi publicada pela editora da Federação Espírita Brasileira (FEB) e dada a ler pelas mãos do médium mineiro Francisco Cândido Xavier que, por sua vez, atribui a autoria das ideias veiculadas a um espírito chamado André Luiz. Para realizar a investigação pretendida utilizamo-nos de um conjunto de documentos impressos (livros que formam a coleção, dados editoriais da FEB, catálogos da editora, matérias de jornais e revistas de época, entre outros) a fim de mediar uma reflexão acerca dessas obras, o que possibilita visualizar e compreender, em perspectiva diacrônica, a dinâmica da edição de livros espíritas e o lugar destinado às obras psicografadas no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicografia; Literatura espírita; Chico Xavier; Federação Espírita Brasileira; História do livro e das edições.

### INTRODUÇÃO

Em maio de 1944, o escritor e crítico literário Raimundo Magalhães Jr., em comentário no jornal carioca *A noite*, registra a seguinte observação sobre as edições espíritas no Brasil:

[...] a verdade é que esses livros têm público numeroso. E deles se tiram edições sucessivas, que talvez não cheguem a alcançar alguns dos editados por José Olímpio, embora este livreiro seja um dos campeões dos *best-sellers* nacionais. [...] Os livros atribuídos a Humberto de Campos têm sido um verdadeiro sucesso de livraria, vendendo-se hoje por todo o Brasil. Os poemas assinados por poetas do Além e ditados ao médium Chico Xavier encontram público tão grande quanto as Espumas Flutuantes, de Castro Alves, ou os Cantos do Exílio, de Gonçalves Dias. Ou maior, talvez (Rocha, 2008, p. 79-80).

Embora não se possa afirmar que o crítico literário tivesse um controle de dados suficiente que pudesse lhe fornecer segurança na afirmação acima, a sua observação põe de manifesto que, em meados da década de 1940, as edições espíritas não passavam despercebidas à imprensa especializada em literatura, chamando atenção, sobretudo, pelas edições sucessivas, não alcançadas, segundo ele, por alguns dos autores de maior renome no cenário literário brasileiro.

---

1 Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ) e pesquisadora na área de história da cultura e das práticas letradas. E-mail: analorym@gmail.com

O apontamento do escritor foi registrado em um momento de inflexão no universo editorial espírita explicado, em larga medida, pela participação cada vez mais intensa da produção literária do médium Francisco Cândido Xavier.<sup>i</sup> Ele que teve sua estreia no universo letrado espírita em 1932, com a publicação da seleta *Parnaso de além-túmulo*, a qual trazia composições atribuídas a espíritos de poetas famosos e já falecidos do Brasil e de Portugal. Junto com outras obras de gêneros variados atribuídas ao espírito do escritor recém-falecido Humberto de Campos, a partir de 1937, o referido livro de poesia levou Xavier à fama repentina, gerando sucessivas edições de suas obras. Possivelmente foram esses fatos, que fizeram Raimundo Magalhães Jr. se referir aos livros espíritas como “os *best-sellers* do Brasil”, naquele momento.

A partir do exposto, interrogamos: de que literatura se fala quando se refere ao sucesso de livraria alcançado já nos anos 1940? Essa produção se mantém com vitalidade nas décadas seguintes? Por quais meios se produzem e põem em circulação essas obras? Quem está por traz dessa dinâmica editorial? Quais os desdobramentos que essa literatura teve dentro e fora do meio que a produzia?

Estas são algumas questões que servirão de fio condutor para a breve reflexão que aqui se realiza em torno da produção e da circulação das edições espíritas no Brasil, em meados do século XX. Para tanto, o conjunto de livros que formam a coleção *A vida no mundo espiritual*, de Chico Xavier, converte-se em testemunho fundamental e é analisada a partir de uma perspectiva de história cultural, que se volta para a história do livro e das práticas letradas. Nesse sentido, nomes como Roger Chartier, Bruno Latour, Michel de Certeau e Pierre Bourdieu são interlocuções pertinentes para subsidiar essa empreitada onde, de maneiras complementares, ajudam a dar conta do universo de produção dos textos, de suas formas de inscrição e difusão, bem como dos jogos de poder envolvidos na validação e codificação das obras resultantes desse movimento.

## **A PSICOGRAFIA E A COLEÇÃO *A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL***

A literatura tida como mediúnica tem origem, no Brasil, a partir da introdução do espiritismo, que adentra ao país, na década de 1860, quando textos do pedagogo lionês Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec, passam a circular entre segmentos letrados de camadas médias urbanas, como Salvador e Rio de Janeiro, inicialmente e, depois, de forma generalizada em outras cidades. Seus livros dão origem ao que se compreende como doutrina espírita, e passam a ser lidos por aqueles que professam a nova crença e indicados como fundamentais a todos que se interessem, de algum modo, pelo universo cultural espírita.<sup>ii</sup>

Nesse segmento filosófico-religioso, de base letrada, nota-se a produção e o consumo sistemático de livros como estruturante de suas práticas e discursos (Aubrée e Laplantine, 2009, p. 235) que contribuem na definição do *habitus* (Bourdieu, 2009) dos seus praticantes. Nesse sentido, para além dos textos considerados básicos da doutrina,<sup>iii</sup> é comum a veiculação de novas obras que, através de gêneros narrativos diversos, buscam dar conta da variedade de temas e questões relativas ao tríplice aspecto da doutrina espírita: científico, filosófico e religioso, conforme definem os seus cultores.

No Brasil, essa literatura chega às mãos dos leitores, sobretudo, através da mediação da Federação Espírita Brasileira (FEB) que, criada no Rio de Janeiro, em 1884, foi se constituindo, paulatinamente, como instituição definidora dos contornos discursivos e político-religiosos do espiritismo brasileiro (Santos, 1997, p. 11). Mesmo não contando com uma editora própria até o final dos anos 1930,<sup>iv</sup> a FEB, por meio de sua livraria, possibilitava a circulação das obras espíritas em todo o país, tanto de escritores estrangeiros, como nacionais – considerados médiuns ou não. Nesse influxo, as obras compreendidas como psicografadas vão ganhando relevo até se tornarem, em meados do século XX, o foco principal da editora da FEB, maior representante do nicho editorial espírita no Brasil.

A *psicografia*, gênese presumida da maior parte dos textos espíritas veiculados pela FEB, é definida como uma modalidade mediúnica, uma capacidade que determinados médiuns possuem de se converterem em aparelho de comunicação entre o mundo dos espíritos e o mundo terreno, registrando as mensagens obtidas através da escrita (Kardec, 1981, p. 194). Supostamente por esse recurso, Chico Xavier teria produzido entre 1932 e 2002, quase cinco centenas de livros. Dentre suas publicações, as obras componentes da coleção *A vida no mundo espiritual* – também conhecida como *Nosso lar* – estão entre as mais importantes, tanto pela significação simbólica e doutrinária que adquiriram, como pelo sucesso de vendas que representam.

*A vida no mundo espiritual* é composta por treze livros e teve sua publicação veiculada – em primeiras edições – entre 1944 e 1968, anos em que se lançaram *Nosso lar* e *E a vida continua...*, obras, respectivamente, que abre e fecha a série.<sup>v</sup> Ofertadas ao público pela editora da FEB, a coleção traz os nomes do médium Chico Xavier e do espírito André Luiz como responsável pelos textos.

O enredo que atravessa a primeira obra da coleção se constrói a partir da descrição das experiências do espírito André Luiz, após sua morte, numa suposta colônia espiritual – espécie de cidade onde se reúnem espíritos para aprenderem e trabalharem entre uma encarnação e outra, tendo antes incursionado pelo Umbral, lugar, segundo a crença espírita, que atuaria como uma zona purgatória. Nas demais obras que compõem a coleção, o foco da narrativa é deslocado para o tema da mediunidade e da reencarnação, tendo como pano de fundo a ação de “espíritos missionários” – dos quais André Luiz teria feito parte como aprendiz-observador – em viagens por várias “zonas espirituais de sofrimento” habitadas por espíritos de pessoas que teriam vivido na Terra.

Para compreender a produção e circulação da coleção é necessário fazermos um duplo percurso que contempla, ao mesmo tempo, uma dimensão simbólica e uma material.

Indícios da dimensão simbólica podem ser verificados através de uma carta de 12 de outubro de 1946, na qual Chico Xavier revelou a seu amigo, Antônio Wantuil de Freitas, à época presidente da FEB, a gênese do projeto que envolvia a produção da coleção:

Noto, contudo, que Emmanuel [considerado guia espiritual de Xavier], desde fins de 1941, se dedica, afetosamente, aos trabalhos de André Luiz. Por essa época, disse-me ele a propósito de “algumas autoridades espirituais” que estavam desejosas de algo lançar em nosso meio, com objetivos de despertamento. Falou-me que projetavam trazer-nos páginas que nos dessem a conhecer aspectos da vida que nos espera no “outro lado”, e, desde então, onde me encontrasse, via sempre aquele “cavalheiro espiritual”, que depois se revelou por André Luiz, ao lado de Emmanuel. Assim, decorreram quase dois anos, antes do “Nosso lar” (Schubert, 1998, p. 97).

Segundo confidenciou Chico Xavier ao correspondente, os livros atribuídos ao espírito André Luiz – designado pela FEB como autor da coleção – derivaram de um projeto maior de “autoridades espirituais” que viam, naquele momento, o tempo exato de proceder à revelação acerca de realidades que, supostamente, encontrar-se-iam no “além”. Ao espiritismo brasileiro caberia essa tarefa e o veículo escolhido para levar a público esse “despertamento” foi a coleção de livros psicografados por Chico Xavier. Logo, a coleção em foco surgiu imbuída de

uma missão que transcende a vida material e se projeta até o “além”, segundo justificativa registrada no *Catálogo geral das 100 primeiras obras de Francisco Cândido Xavier*, trabalho no qual os organizadores classificam os textos do médium por gênero e por “espécie”, esta última em função do teor doutrinário que carregam. Nesse sentido, registra-se que “os romances de André Luiz pertencem à espécie de obras reveladoras, pois desvelam aspectos e revelam minúcias da vida espiritual, já constantes da Codificação mas aprofundadas ou minudenciadas pelo autor” (Ibsen, 1979, p. 03).

A coleção teria surgido a partir da colaboração entre os “planos espiritual e terreno” diante da função de trazer à tona informações que somente naquele momento haveria condições de serem traduzidas em palavras e dadas a ler por “toda a humanidade”. Essa é a compreensão dos agentes e intérpretes internos acerca do projeto envolvido na edição de *A vida no mundo espiritual*.

Chega de silêncio. O livro de André Luiz – “Nosso lar” – está revelando coisas novas para nós. Divulgar não é discernir. Chegou o momento psicológico para rasgar mais um pouco do véu que envolve o nosso espírito. As revelações de André Luiz são oportunas; tem muito de inédito que deixou de ser transmitido por Allan Kardec por não ser aquela época a oportunidade desejável para este fim. [...] O Espírito que ditou o livro dá-nos todas as provas de estar de posse de grande esclarecimento espiritual. Emmanuel, na apresentação dessa obra, avisa-nos que não nos surpreendamos com as coisas novas que o livro encerra. [...] Podemos dizer que “Nosso lar” representa o início de uma nova era para o Espiritismo. André Luiz foi o escolhido para revelar-nos essas belezas, amparado pela força espiritual desse grande Emmanuel (Calhau, 1945, p. 82).

Nesse sentido, *Nosso lar* e os demais livros formadores da coleção teriam sido lançados para trazer aos poucos as tais minúcias da vida como ela se configuraria no *post-mortem*, conforme, obviamente, a visão dos responsáveis pela sua elaboração. Dessa forma, o livro teria aberto as portas de um “além” espírita e brasileiro, a partir da exposição da organização institucional e do cotidiano dos habitantes dessa “cidade” que, em termos geográficos, pairaria sobre a capital federal da época, o Rio de Janeiro. A coleção, com ênfase nas temáticas doutrinárias espíritas, seguiu, em larga medida, com a vocação própria desse tipo de impresso que é juntar textos que fazem sentido numa totalidade.

Por meio dessas *inscrições* (Chartier, 1999; Latour, 2008), os responsáveis pela organização da série punham em prática seu projeto de difusão da pedagogia cristã renovada com bases na “revelação dos espíritos”. A leitura do conjunto de livros organizados em coleção forneceriam as possibilidades ao leitor de mapear o discurso uníssono de

“despertamento”, como fora anunciado por Chico Xavier, visto que a coleção cumpriria a missão de porta-voz da “espiritualidade superior”. A decodificação e o exercício dos ensinamentos espíritas observáveis nos textos, a partir dos vários casos neles exemplificados, dariam aos praticantes dessa fé uma vantagem em forma de roteiro de conduta moldada pela doutrina espírita cristianizada.

Embora se propagasse no meio espírita que a coleção fosse um desdobramento de um projeto de “despertamento” cuja origem remetia ao “mundo espiritual”, seria necessária, para a sua concretização na Terra, a agência humana. Portanto, é essencial voltar o olhar para aqueles que foram os responsáveis pela transformação de um ideal doutrinário em um conjunto de livros dispostos em coleção. Desse modo, podemos verificar, mais uma vez, através da correspondência ativa de Chico Xavier, a dimensão material expressa na produção da coleção.

Conforme se observa, havia um grupo mais ou menos fixo e centralizado, a partir da administração geral da FEB, que se encarregava de materializar as projeções intelectuais que diziam emanar do “mundo espiritual”, traduzindo-as em material impresso. Havia um circuito de produção, edição e reedição de textos que agrupava aproximadamente cinco pessoas ao longo das três décadas nas quais as mensagens contidas em *A vida no mundo espiritual* foram dadas a ler em livros, nas suas primeiras edições.

O processo de elaboração da coleção, da maneira como os seus produtores apresentam, pode ser entendido como uma cadeia de atividades formada por agentes responsáveis por desempenhar diferentes papéis voltados para um objetivo comum: a produção e a difusão dessa mercadoria considerada especial: o livro psicografado. Esse processo era composto supostamente por três ou quatro estágios, cada qual contando com sujeitos e funções mais ou menos definidas. Assim, no primeiro estágio seria construído o conteúdo intelectual das obras por um grupo de “espíritos superiores” representados pelas figuras do “autor” André Luiz e de Emmanuel, que fazia a mediação entre o presumido criador das ideias e o médium psicógrafo.

No segundo estágio, o médium entrava em ação e era responsável por transcrever no papel as mensagens presumidamente ditadas por espíritos para, em seguida, encaminhá-las à editora. Essa função teria sido exercida por Chico Xavier, secundado, a partir de 1958, pelo jovem médico Waldo Vieira.<sup>vi</sup> Depois de realizado o registro a lápis das mensagens tidas como psicografadas, seria papel do médium reescrevê-las à máquina, tarefa para a qual contaria, algumas vezes, com ajuda externa.

O terceiro estágio da cadeia de produção dos livros da coleção era desenvolvido pelos chefes maiores do quartel-general do espiritismo brasileiro: o presidente da FEB e alguns dos membros da sua diretoria. Cabia a eles toda a responsabilidade material para a confecção dos livros, inclusive a parte administrativa e comercial do negócio. Era da alçada desse grupo o tratamento editorial dos textos a fim de torná-los livros aptos à manipulação e leitura pelos consumidores. Wantuil de Freitas, que era o principal responsável pela obra do livro febiano, contava, algumas vezes, com o auxílio doméstico da esposa e do filho, que, segundo informa a sua ex-secretária, Rúbia da Costa Guimarães,<sup>viii</sup> chegavam a varar noites no trabalho de revisão dos textos. Junto com o presidente Wantuil atuavam também o ex-presidente da FEB, Manuel Quintão, que editara o livro inaugural de Xavier, em 1932; o jornalista Ismael Gomes Braga, que a partir da segunda metade dos anos 1940 assumiu a chefia “dos escritórios da Livraria” e que dividia com Wantuil a incumbência de editar a revista *Reformador*, periódico oficial da instituição; e com menor intensidade, o professor Porto Carreiro Neto, que era médium e divulgador do esperanto.

Muitas vezes, a cadeia de produção da coleção era alterada, fazendo com que se introduzisse novamente o trabalho do médium ou mesmo voltasse a ter a interferência dos espíritos. Nesse sentido, um quarto estágio poderia ser incluído no circuito, possibilitando que as posições dos agentes fossem relativizadas, o que permitia que o médium participasse tanto da revisão dos textos – sugerindo ou fazendo alterações ele mesmo – ou mediando a “anuência espiritual” às correções realizadas pelos “editores terrenos”. Como foi possível observar, a cadeia de produção das obras da coleção *Nosso lar* estava geralmente compreendida em três ou quatro etapas que englobavam a suposta matriz espiritual geradora das mensagens veiculadas – “autor” e “editor” espirituais –, o médium psicógrafo que registrava as mensagens por meio da escrita e as fazia chegar até o grupo de pessoas que, na FEB, era responsável pelo trabalho editorial.

Ao fazerem esse circuito se movimentar, os produtores da coleção espírita obtinham por resultados obras presumidamente psicografadas que encontrariam esteio entre os leitores, independentemente do processo que as gerava e as fazia chegar às livrarias.

## **A COLEÇÃO *A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL: BEST-SELLERS* PSICOGRAFADOS**

Para dar conta do projeto de difusão da missão edificadora que acreditava ter sido revelada pela psicografia de Chico Xavier, os espíritas organizados em torno da FEB

estruturaram uma estratégia editorial voltada para a produção, venda e distribuição da mercadoria que viam como especial: o livro espírita. Nesse sentido, pode-se visualizar algumas linhas mestras que orientavam o negócio do livro na FEB. Uma delas foi a organização do seu fundo, a partir de coleções de naturezas diferenciadas. Isso foi verificado em consulta aos catálogos da editora, que desde os anos 1930 operava por essa diferenciação, agrupando a maior parte dos seus livros nas coleções denominadas *Filosofia espiritualista e ciências psíquicas*, *Coleção romântica*, *Biblioteca espírita infantil* e *Esperanto*. Ao passo que as obras de Chico Xavier iam se avolumando e atraindo, para a Livraria da FEB, *capital simbólico e econômico* (Bourdieu, 2009) considerável, a tendência foi enfatizar, no catálogo, as obras desse “autor”, que, por sua vez, passaram também a ser organizadas a partir de seriações. *A vida no mundo espiritual* entra nessa contabilidade como a síntese mais precisa da noção de coleção<sup>viii</sup> dentro do fundo de edições da FEB.

Motivados por missiva enviada ao *Reformador*, os dirigentes da FEB arrolaram os números gerais de sua produção livreira até 1968, no sentido de rebater a desconfiança gerada em alguns adeptos do espiritismo que consideraram inverídicos os dados que foram exibidos na “Exposição Espírita – 1968”, montada na Galeria Prestes Maia em São Paulo. A resposta à carta foi divulgada no periódico da instituição da seguinte maneira:

Cabe-nos, porém, reafirmar a veracidade, a fidelidade das informações prestadas pela EXPOSIÇÃO ESPÍRITA, as quais tinham sido fornecidas pelo Departamento Editorial da própria Federação Espírita Brasileira. Assim, é fato, e fato veríssimo, que a FEB – só ela – editou, até Julho de 1968, cerca de:

10.000.000 (dez milhões) de exemplares de livros espíritas,  
dos quais 2.334.000 exemplares são de obras de Allan Kardec  
e 1.931.000 exemplares de obras de Francisco Cândido Xavier.

Podemos, ainda, acrescentar que das obras do Codificador, as de maior tiragem pela FEB, por ordem decrescente, foram

O Evangelho segundo o Espiritismo ....	760.000
A Prece .....	485.000
O Livro dos Espíritos .....	330.000
O Livro dos Médiuns .....	281.000
O Céu e o Inferno .....	107.000
O Que é o Espiritismo .....	99.000

Das obras mediúnicas de Francisco Cândido Xavier, as de maior tiragem pela FEB, por ordem decrescente, foram:

Nosso Lar .....	100.000
Agenda Cristã .....	96.000
Há dois mil anos .....	70.000

Paulo e Estêvão .....	64.000
50 Anos Depois .....	61.000
Missionários da Luz .....	56.000 (FEB, 1968, p. 237).

A compilação do periódico não menciona o período inicial de recolha dos dados expostos, o que nos impede de dimensionar, de forma mais completa, o alcance da produção de livros pela FEB. De todo modo, alguns elementos chamam a atenção e denunciam, ao mesmo tempo, um perfil editorial e uma tendência dos consumidores. Em relação aos livros de Allan Kardec, os dois que mais tinham saída entre os compradores se voltavam para temáticas evangélicas, confirmando o viés notadamente religioso e cristão do espiritismo brasileiro, visto que *O Evangelho segundo o espiritismo* e *A prece*, juntos, correspondiam a mais da metade do total de obras vendidas de Kardec no Brasil, pela editora da FEB. Outro fato é que das seis obras de maior saída de Chico Xavier, três eram atribuídas ao espírito André Luiz – *Nosso lar*, *Agenda cristã* e *Missionários da luz*. Excetuando-se *Agenda cristã*, os outros dois volumes pertencem à coleção *A vida no mundo espiritual*, que também explora, em grande medida, um discurso cristão filtrado pelos interesses espiritistas.

Depois das obras de Allan Kardec, o livro mais vendido pela Editora da FEB era – e ainda o é – *Nosso lar*. Embora não tenha sido o único, foi ele também o mais traduzido da coleção para outras línguas, ampliando o raio de sua circulação. Até 1968, a FEB contava com edições dessa obra em castelhano, em inglês, em japonês e em esperanto – esta versão foi amplamente utilizada para a penetração das obras espíritas em vários países.

Em 1965 foi publicada matéria no *Reformador*, na qual se analisava a “Evolução do livro espírita”. Nela o autor comparou o desempenho de vendas de *O livro dos espíritos* – obra inaugural de Allan Kardec – ao rendimento de *Nosso lar*.

“*Le Livre des Esprits*” teve sua primeira edição em 18 de Abril e 1857, na Cidade Luz, ao tempo em que a língua francesa gozava de invejável universalidade, mas só em 1922 alcançou seu 70º milhar (setenta mil exemplares). Demorou 65 anos para atingir essa tiragem. A distribuição em média foi de pouco mais de um milhar por ano. [...]

“*Nosso Lar*”, de André Luiz, pelo médium Francisco Cândido Xavier, chegou a 70º milhar em 15 anos (1943-1958), ou seja, em média quase cinco mil exemplares por ano (Antônio Túlio, 1965, p. 19).

Mais uma vez a deficiência de informações sobre o período e a abrangência espacial que se está considerando em relação ao livro de Kardec não permite exprimir um juízo de forma precisa. Contudo, se aceitarmos os dados genéricos como correspondentes a todas as

edições francesas de *O livro dos espíritos*, até 1922, forçosamente teremos de considerar seu desempenho como muito baixo, comparado ao *Nosso lar*, que em 14 anos – e não em 15, visto que foi lançado em setembro de 1944 – superou esses números. A discrepância é ainda maior porque se trata do livro que lançou as bases doutrinárias do espiritismo. Por outro lado, esses dados, por mais imprecisos que sejam, deixam patente a pouca relevância que o espiritismo tinha entre os franceses e/ou leitores da língua francesa no mundo, naquele momento, de maneira inversa ao que aconteceria no Brasil, ao longo do século XX, como insinuam os dados compulsados.

Já em relação ao desempenho de *Nosso lar*, de forma isolada ou em comparação com outros livros espíritas, há de se reconhecer que foi, desde as primeiras edições, um sucesso de vendas. Proeza que não foi repetida, na mesma proporção, pelos demais volumes da coleção, mesmo que todos tenham tido uma circulação muito expressiva, como se pode observar na tabela 1.

Tabela 1 – Dados gerais das edições da coleção *A vida no mundo espiritual* (até 31/12/1969)

Número na ordem de publicações de Chico Xavier	Ano de publicação	Título	Total de edições	Total de exemplares
19	1944	<i>Nosso lar</i>	10	100 mil
20	1944	<i>Os mensageiros</i>	6	55 mil
21	1945	<i>Missionários da luz</i>	7	56 mil
24	1946	<i>Obreiros da vida eterna</i>	7	45 mil
31	1947	<i>No mundo maior</i>	4	45mil
37	1949	<i>Libertação</i>	4	45 mil
51	1954	<i>Entre a terra e o céu</i>	4	35 mil
53	1955	<i>Nos domínios da mediunidade</i>	4	40 mil
56	1957	<i>Ação e reação</i>	3	35 mil
60	1958	<i>Evolução em dois mundos</i>	2	30 mil
61	1960	<i>Mecanismos da mediunidade</i>	2	20 mil
77	1963	<i>Sexo e destino</i>	2	25 mil
93	1968	<i>E a vida continua...</i>	2	15 mil

Fonte: Ibsen, 1979, p. 16.

Ao chegar à sua décima edição, *Nosso lar* vendeu praticamente o dobro do segundo colocado, *Missionários da luz*, lançado apenas um ano depois dele. De modo geral, percebemos que havia um processo regular de reedições dos volumes e, pela quantidade de exemplares editados, inferimos que as tiragens eram substanciais – variavam entre cinco e 20 milheiros, mantendo-se numa média de 10 mil exemplares –, conforme foi possível verificar nas folhas de rosto desses livros, o que também evidencia uma boa acolhida por parte do público

consumidor durante um período de tempo razoável. No decurso desses vinte e cinco anos, a coleção *A vida no mundo espiritual* forneceu ao público, em 57 edições, mais de meio milhão de livros.<sup>ix</sup>

Esse desempenho nada desprezível ganha maior relevo quando posto em comparação com coleções de natureza editorial e confessional diferentes que circulavam no mesmo momento e gozavam de ampla aceitação no cenário brasileiro. A tiragem média da coleção *Brasiliiana*, por exemplo, editada desde 1925 pela Companhia Editora Nacional, era de mil e quinhentos exemplares. Não obstante o perfil editorial da coleção e dos seus leitores, bem distintos dos espíritas, a *Brasiliiana* foi considerada por muito tempo um sucesso editorial, vindo a apresentar prejuízos a partir dos anos 1960, quando deixou de contar com subsídio estatal que garantia a compra de quinhentos exemplares para o Instituto Nacional do Livro (INL) (Hallewell, 1985, p. 303; Andrade, 1978). As edições católicas das Irmãs Paulinas, uma das principais e mais antigas editoras católicas do Brasil, conseguiram, num intervalo de doze anos (entre 1954 e 1966), imprimir mais de cinco milhões de livros da coleção *Doutrina Cristã*, formada por cinco volumes. Número excepcional até para os padrões católicos da época, a coleção, para ter esse sucesso, foi beneficiada pela Reforma do Ensino de 1954, que estendeu a obrigatoriedade do ensino religioso ao primeiro e segundo ciclos, intensificando, assim, a demanda, por parte de professores e alunos, de um número inédito de catecismos com fins didáticos, tal foi o caso dessa coleção (Montero, 1992, p. 224-225).

O cruzamento desses dados nos leva a considerar a produção da coleção espírita, no período em foco, como um fenômeno editorial bastante relevante, sobretudo se tivermos em mente que as edições espíritas jamais contaram com quaisquer subsídios estatais, de forma específica, para o financiamento da sua produção e/ou distribuição. Além disso, tratavam-se de livros supostamente psicografados e pertencentes a um segmento religioso que durante quase toda a primeira metade do século XX esteve às voltas com a justiça, tendo sua existência legal questionada em mais de uma ocasião. Na Constituição de 1937, por exemplo, o espiritismo, assim como o comunismo, o liberalismo e o protestantismo, era considerado uma das forças dissolventes do princípio da unidade expresso na trilogia integralista Deus, Pátria e Família. Após a redemocratização não havia mais impedimentos legais em relação ao espiritismo e suas práticas rituais, porém, a relação histórica de aproximação entre a Igreja católica e o Estado destinava às demais confissões religiosas pouquíssimos meios de expressão.

Mesmo assim, o espiritismo pode gozar, entre as décadas de 1940 e 1960 – limites cronológicos desta investigação – com enorme aceitação de seus livros, num contexto em que

o número confesso de adeptos da religião mal ultrapassava meio milhão de pessoas. A coleção *A vida no mundo espiritual* nessa conjuntura se destaca pelo volume de edições que põe em circulação, difundindo elementos basilares da doutrina espírita entre os leitores brasileiros.<sup>x</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, na tentativa de responder, mesmo que sucintamente, às questões postas inicialmente, podemos definir a literatura espírita veiculada pela editora da FEB em meados do século XX e que nos anos 1940 já chamava atenção do escritor e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Raimundo de Magalhães Jr., como resultado de um empreendimento ao mesmo tempo simbólico – porque de cunho pedagógico-doutrinário – e material – visto que fazia parte de uma *estratégia* (Certeau, 1994) editorial calcada na produção de obras seriadas, como era o caso da coleção *Nosso lar*. Deve-se destacar que, conforme asseveravam seus cultores, a coleção nasceu com a vocação de efetivar a renovação do mundo por meio da disseminação em massa e seriada de obras espíritas de feitio cristianizado. Projeto que se fez ao gosto e condução de uma instituição específica: a FEB guiada por um seleto grupo de diretores que atuava na sede, no Rio de Janeiro. Por meio de suas práticas, a editora espírita não só delineou um perfil editorial particular, como também delimitou um espaço próprio para suas edições e discursos dentro e fora do meio espírita, tornando-se a principal fornecedora de textos espíritas definidos como psicografados.

Internamente, ela conseguiu de forma eficiente neutralizar as contestações ou iniciativas editoriais advindas de grupos descontentes com a condução que ela vinha operando ao disseminar insistentemente o discurso que afirmava a superioridade dos livros febianos, ao passo que, se não fosse da FEB, no mínimo não haveria garantia de controle doutrinário, como afirma o escritor espírita Ernani Cabral no *Reformador*, de agosto de 1957 (Cabral, 1957, p. 20-22). Externamente ao movimento espírita, o departamento editorial da referida instituição pôde se beneficiar do contexto particularmente favorável dos anos 1940 que alçou o assunto “livro” à ordem do dia, tanto pelo incremento dos setores gráfico e livreiro como pela ocorrência, em proporções novas, de uma população mais urbana e escolarizada no país, sendo esta, portanto, mais apta ao consumo e à leitura de textos (Hallewell, 1985; Galucio, 2009; Andrade, 1978).

Assim, ao surgir nesse influxo, em meados dos anos 1940, a coleção foi ao mesmo tempo beneficiada pelo contexto favorável ao livro e atuou como vetor na intensificação do processo de produção e circulação de obras espíritas, ajudando, a um só tempo, a ampliar o

*capital simbólico* (Bourdieu, 2009) do médium Chico Xavier, definir a hegemonia da FEB entre as demais instituições espíritas que se voltavam para a edição de livros e consolidar um nicho editorial espírita no Brasil, centralizado nas obras de Allan Kardec e Chico Xavier.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Olímpio de Souza. *O livro brasileiro desde 1920*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.
- ANTÔNIO TÚLIO. Evolução do livro espírita. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, jan. 1965.
- AUBRÉE, Marion, LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CABRAL, Ernani. Ação e Reação. *O Reformador*. Ago./1957, p. 20-22.
- CALHAU, Luiz Ferreira. Nosso lar: livro revelação. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, abr. 1945.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. A FEB e o livro. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, out. 1968, p. 237.
- \_\_\_\_\_. *Catálogo da Livraria Editora da Federação Espírita Brasileira*, 1938, 1939, 1944, 1945, 1946, 1948, 1949.
- GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. *Civilização brasileira e brasiliense: trajetórias editoriais, empresários e militância política*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor/Edusp, 1985.
- IBSEN, Stig Roland; CANTO IBSEN, Edith Nóbrega (Orgs.). *Catálogo geral das 100 obras de Francisco Cândido Xavier*. São Paulo: Edgraf, 1979.
- KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. São Paulo: LAKE, 1981.
- LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). *O poder das bibliotecas: a memória os livros no Ocidente*. Rio e Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 21-44.

- MONTERO, Paula. O papel das editoras católicas na formação cultural brasileira. In: SACHIS, Pierre (Org.). *Catolicismo: modernidade e tradição*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection: de la diffusion de la littérature et des savoirs à la formation du citoyen au XIXe siècle*. Paris: Imec, 1999.
- ROCHA, Alexandre Carolli. *O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. Campinas-SP, 2008. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas.
- SANTOS, José Luiz dos. *Espiritismo: uma religião brasileira*. São Paulo: Moderna, 1997.
- SCHUBERT, Sueli Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

- 
- i A partir desse momento a referência ao médium será feita através da forma como ficou mais famoso: Chico Xavier.
- ii Os livros de Allan Kardec não são considerados psicografados, eles possuem uma gênese diferente, baseada, segundo ele, no cotejamento de informações ditadas por espíritos a médiuns de várias partes do mundo. Assim, os livros que compõem a doutrina espírita seriam resultados da compilação e sistematização que Kardec teria realizado.
- iii São cinco as obras de Kardec fundantes da doutrina espírita: *O livro dos espíritos* (1857), referente à parte filosófica; *O livro dos médiuns* (1861), relativo à parte científica; *O evangelho segundo o espiritismo* (1864), sobre a parte moral e religiosa; *O céu e o inferno*, sobre a visão da justiça divina segundo o espiritismo (1865); *A gênese* (1868), que trata dos milagres e das predições de um ponto de vista supostamente científico.
- iv Desde o século XIX a FEB mandava imprimir seus livros em gráficas e editoras que terceirizavam esses tipo de serviço. Trabalho que era feito em editoras como Garnier e Laemert, ou em gráficas variadas em Portugal e Paris.
- v Os livros da coleção *A vida no mundo espiritual* são os seguintes: *Nosso lar* (1944); *Os mensageiros* (1944); *Missionários da luz* (1945); *Obreiros da vida eterna* (1946); *No mundo maior* (1947); *Libertação* (1949); *Entre a terra e o céu* (1954); *Nos domínios da mediunidade* (1955); *Ação e reação* (1957); *Evolução em dois mundos* (1958); *Mecanismos da mediunidade* (1960); *Sexo e destino* (1963); *E a vida continua...* (1968).
- vi O médico mineiro Waldo Vieira, ainda jovem, iniciou sua parceria com Chico Xavier. Segundo a FEB, os dois psicografaram juntos três volumes da coleção *A vida no mundo espiritual: Evolução em dois mundos*, em 1958, *Mecanismos da mediunidade*, em 1960, e *Sexo e destino*, em 1963.
- vii Em entrevista concedida à Ana Lorym Soares em dezembro de 2013, Rúbia Guimarães, funcionária da FEB desde 1956, tendo sido, inclusive, secretária do presidente Wantuil de Freitas, informou que somente nos 1970 a FEB passou a dispor de editores profissionais para a realização das atividades de editoração.
- viii Segundo Isabelle Olivero a coleção, em sentido editorial, em sua emergência atrelada ao contexto europeu de século XIX e pressupõe um conjunto de textos sobre temas considerados homogêneos pelo editor. Essas publicações, embora distintas, são ligadas entre si por um título comum que as engloba em uma sequência e por um responsável – singular ou coletivo – que as coordenam, obedecendo, em geral, normas editoriais que regem o formato, a capa, as ilustrações etc. e que lhes fornecem um caráter de unidade (Olivero, 1999).
- ix O total de edições dos livros da coleção até 31/12/1969 era de 57 e o total de exemplares era de 546.
- x É e extrema relevância mapear o perfil das pessoas que consumiam essa literatura, contudo, nos limites exíguos deste texto, não foi possível abordar essa questão.